

## ARTE E URBE: RE-SIGNIFICAÇÕES DA PAISAGEM

Juscelino Humberto Cunha Machado Junior – Professor da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. Mestrando em Artes pela Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Cristiane Alcântara – Professora da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade de Brasília, UNB

Resumo: A arte, e sua relação com os contextos urbanos, configura-se como importante geradora de re-significados dentro de construções visuais já pré-existentes. Novos significados dados pelo artista aos espaços cotidianos fazem com que estes possam ser transfigurados em espaços de conscientização e criação de novas paisagens. Este trabalho propõe uma análise da arte, e de suas relações com o universo contemporâneo da cidade, através do trabalho dos grafiteiros Gêmeos, numa compreensão da *street art* como importante geradora de novas formas de construção visual e de memória coletiva.

Palavra Chave: Grafite, paisagem urbana, contemporaneidade, olhar.

*Abstract: The art, and its relationship with the urban context, is an important source of meanings within pre-existent visual constructions. New meanings given by the artist to the everyday spaces promote its transfigurations in spaces of awareness and creation of new scenes. This work proposes an analysis of the art, and its relationship with the contemporaneous universe of the cities, by the work of the graffiti artists "Gêmeos", in a comprehension of the street art as an important source of new forms of visual construction and collective memory.*

*Graffiti, urban scenes, contemporary.*

“Finalmente, a viagem conduz à cidade de Tâmara.

Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes.

Os olhos não vêem coisas,

mas figuras de coisas que

significam outras coisas (...)” (CALVINO, 1990, p. 17)

O invisível é aquilo que não conseguimos ver, é o que nos passa despercebido diante das janelas do carro, na urgência dos transeuntes, na neblina da poluição, por detrás dos prédios altos e dos *outdoors*. Horizonte coberto de imagens, restos de memória, ruínas, luzes, néon, rostos, sobreposições, arquitetura. O plano congelado da fotografia, o detalhe imperceptível que ganha destaque. É simplesmente o que ainda está por ser visível, ou, o que se esconde no imaginário do artista.

A arte, e sua relação com os contextos urbanos, configura-se como importante geradora de re-significados dentro de construções visuais já pré-existentes. Portanto, uma análise da arte inserida dentro dos espaços urbanos auxilia na compreensão da construção de novas possibilidades de paisagem urbana. De acordo com Sicília C. Freitas,

“a relação e a interação entre expressões artísticas e os contextos urbanos, que se configuram como campos potenciais de manifestações e construções visuais, têm se constituído como tema emergente no campo das artes, estando no foco das discussões, das investigações e das pesquisas científicas da área na atualidade” (FREITAS, 2006, p. 1)

É importante que se compreenda que tal relação entre arte e rua não deva se estabelecer como específico e singular espaço de exposições, e sim, compreendê-la como um processo em que a arte irá constituir parte da urbe, assim como suas edificações e urbanismo, criando-se portanto, uma relação artístico, social e cultural.

As formas de expressão artística ao longo do tempo sempre ocuparam e assumiram espaços e funções variadas de acordo com a época e o contexto em que se inserem. Em diferentes dimensões elas atuam como reflexo do que os indivíduos que as caracterizam sentem, pensam e fazem. O contato com a arte se estabelece através de uma inter-relação entre os artistas, as obras, os espaços que as abrigam e os espectadores que as apreciam.

A produção de arte e seu envolvimento com o universo que a rodeia, cria um ciclo de valores estéticos e culturais, sendo estes ao mesmo tempo, “determinados e determinantes dos significados, dos costumes e dos ideais dos indivíduos, estabelecidos pelas interações que concretizam com os seus universos temporais e espaciais” (FREITAS, 2006, p. 12).

O homem primitivo representava seus rituais de comunhão entre arte e vida, nas manifestações artísticas produzidas sobre seus espaços de vivência. Vida e seus rituais: morte, casamento, guerra. Portanto, o cotidiano daquele homem estava cercado da lembrança de seus momentos de rito, estes, representados e re-significados através da arte.

Novos significados dados pelo artista aos espaços cotidianos fazem com que estes espaços, já imperceptíveis, possam passar a ser transfigurados em espaços de conscientização e criação de nova paisagem e memória.



Foto 1- Grafite dos Gêmeos. Fonte: <http://www.laurie.com.br>

De acordo com Lilian do Amaral Nunes, “a interseção entre arte e cultura cotidiana – arte e vida – esteve sempre presente na história das manifestações artísticas, porém, positivamente, como transcendência e imanência do poético ao sagrado, do decorativo aos rituais”. (NUNES, 2004, p. 01)

Trata-se da integração da arte, ao longo de sua história, com o universo que a rodeia, atuando portanto, como agente documental dos costumes e valores de determinados períodos. Assim como afirma Fábio Allon dos Santos, “(...) carga de valores sócio culturais, que impregna o discurso e a representação das cidades por intermédio de seus símbolos e imagens, ou situações referenciais, reflete-se, portanto, na vida dos habitantes e na própria configuração espacial e no imaginário das mesmas”.

O olhar do homem contemporâneo não possui mais tempo. Conseqüência da rapidez da contemporaneidade, o olhar de hoje perdeu a maneira contemplativa de observar, assim, a cidade perdeu suas paisagens. A maneira de encarar o mundo como paisagem está se deteriorando, e a questão do tempo está estritamente ligada a este fato. Para Nelson Brissac Peixoto, a falta de tempo tira das imagens sua particularidade e consistência, perdendo-

se portanto, o instante. É na pressa de se passar como um raio diante das cidades que Brissac Peixoto encontra a culpa de se perder hoje a paisagem urbana.

A arte, dentro deste contexto, irá construir re-significados sobre algo que o perdeu devido à banalização. A paisagem que já não era observada pelo transeunte passa a ser destacada por um olhar que observa o novo. Portanto, a arte irá estimular - naquele que habita a cidade, um olhar exploratório sobre uma paisagem já há muito camuflada pelo cotidiano.

Brissac Peixoto destaca ainda a questão do lúdico e da simplicidade, as imagens atuais parecem ter perdido definitivamente sua inocência, e cita alguns cineastas que conseguem resgatar imagens perdidas a partir de fatos simples “gestos ingênuos e desengonçados, mímica, jogos de circo [...] tentativa de reencontrar o espaço e a intimidade. Tudo aquilo que costumávamos chamar de interioridade.<sup>1</sup>” Deve-se ver por meio das imagens, “desta mitologia esvaziada de todo significado pela repetição”, solução que o autor encontra no que chama de “olhar estrangeiro<sup>2</sup>”, aquele que explora irá explorar o novo.

Quando um espaço da urbe é transfigurado através da arte, ele desperta naquele expectador o olhar de estrangeiro, que gera instante, e que, conseqüentemente, irá promover contemplação geradora de nova paisagem dentro do espaço urbano.

Historicamente, a cidade como suporte manteve-se em diferentes bases devido obviamente às transformações ocorridas nos meios técnicos e espaciais. Conforme afirma João L. de Almeida Machado, na modernidade, com a exponenciação técnica e a criatividade humana explorando diversas maneiras de produção artístico transversais - desde o espaço virtual até o corporal, ocorre “o resgate da arte nas paredes, num autêntico *revival* da pintura rupestre, consolidando-se o grafismo como linguagem artístico urbana”. (MACHADO, 2007).

Segundo Freitas, no Brasil, há atualmente um crescente aumento dentro de suas metrópoles da visibilidade às diferentes expressões que têm sido produzidas nas variadas dimensões socioculturais de cada urbe. “Concebidas com finalidades mais abrangentes, estas formas de arte dão aos espaços públicos configurações estéticas diversificadas, agindo diretamente nas formas

de contato e na percepção dos moradores das cidades com a arte” (FREITAS, 2006, p. 2).

Dentro do caráter transversal que a arte pode adquirir nas ruas em meio a outras manifestações - como a performance, a dança e a música - o grafite inserido nas grandes cidades vem se tornando, desde o século passado, um importante veículo de relação entre a criação artística e o espaço urbano. De acordo com Marcelo do Amaral, “a proliferação do grafite deve-se, sobretudo, ao fato deste símbolo estético ser maleável, por isso, apropriado a diferentes contextos culturais.” (AMARAL, 2008, p. 11).

Os irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, mais conhecidos como Gêmeos, fazem parte de um grupo de artistas contemporâneos que tem usado os espaços urbanos como suporte e criação de poética, numa arte produzida estritamente vinculada à urbe: o grafite. Assim como Jean Michael Basquiat, os Gêmeos tiveram a migração de sua arte das ruas para as galerias, tendo hoje negociadas suas obras pela galeria *Deitch projects*, a mesma que detêm o espólio do trabalho de Basquiat.

A relação com o grafite se iniciou no final da década de 80 do século passado, quando os Gêmeos já estavam envolvidos com o universo do *break* e do *hip hop*. Inicialmente, seus trabalhos tinham como principal influência a linguagem do *hip hop* norte americano, tendo posteriormente sido criada pelos irmãos uma linguagem própria, que configura-se através da concepção de personagens singulares: são figuras esqueléticas, barrigas e quadris avantajados e proporções distorcidas, além de existir também, uma temática social e política em seus trabalhos. As duas poéticas podem ser evidenciadas lado a lado no grafite da dupla:

O ódio e o amor, viver em um país onde tem que se sobreviver e onde aprende-se a dar valor nas pequenas coisas, desde uma lata de tinta encontrada no lixo a um simples olhar de uma criança pedindo dinheiro no farol. Viver em país onde não existem leis e onde as pessoas ganham salários de miséria e estão sempre sorrindo (...) subir a escada sem camisa, ser sul-americano, usar a cidade das coisas feias, saber que podemos voar entre as neblinas e jogar barquinhos de papel na enxurradas da chuva...(GÊMEOS, Disponível em: < [http://www.lost.art.br/osgemeos\\_interview\\_01.htm](http://www.lost.art.br/osgemeos_interview_01.htm)>. Acesso em 09 maio 2009.)





Foto 2- Grafite dos Gêmeos. Fonte: <http://www.kumomusic.blogspot.com>

O trabalho dos gêmeos é desenvolvido através de um imaginário próprio, muitas das vezes lúdico, mas que, entretanto, apesar de pessoal, traduz em diversos aspectos detalhes e características universais. Este universo particular intitulado pelos Gêmeos de *Tritrez*<sup>3</sup> ilustra o que os próprios vivenciam nas ruas durante o trabalho do grafite. Aí está a definição da linguagem dos irmãos: a tradução do social descrito em um mundo lúdico de uma poética própria.

Portanto, ao produzirem sua arte em diferentes cidades - eles possuem hoje murais produzidos em São Paulo, Nova York, Londres, Havana, entre outras - os Gêmeos cumprem importante papel como criadores de memória coletiva. Segundo Márcia Fortes, sócia da Galeria Fortes Vilaça, ao tomar

conhecimento da obra dos grafiteiros teve a nítida impressão de já conhecê-la, “curioso, já vi isso em algum lugar, será que foi em alguma feira de arte? Em que exposição? De repente, caiu a ficha. Vi isso nos muros de São Paulo.” (CIELLO, 2006, p. E1).

Segundo Maurice Halbwachs, a memória coletiva e compartilhada envolve as memórias individuais, “é uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de grupo<sup>4</sup>”. A memória coletiva está sempre em transformação e o seu esquecimento significa que os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. Assim, quando acontece a perda da memória social, a memória coletiva torna-se memória histórica, “então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.<sup>5</sup>”

Ao produzirem - influenciados por variados espaços de urbe - fragmentos de vivências e os documentar nos muros e fachadas da cidade, os criadores de *street art* atuam como produtores de uma paisagem que será reflexo de memória e re-significação daquelas construções visuais. De acordo com Amaral, ao selecionarem determinados espaços de cidade, os Gêmeos o fazem de acordo com contingências específicas, onde eles julgam estarem mais evidentes as contradições presentes na cidade, “subtraídas anteriormente em função dos fluxos que se impõe como única possibilidade de narração continua do cotidiano e da retórica entre transeunte e cidade” (AMARAL, 2008, p. 51)



Foto 3- Grafite dos Gêmeos no Castelo de Kelburn, Escócia.

Fonte: <http://www.flixya.com>

Ao ser produtora de memórias coletivas e específicas dentro de determinados contextos, a arte feita por grupos de grafiteiros como os Gêmeos cumpre também o papel de bem público. Qualquer cidade sofre grande dano quando tem extirpada de sua paisagem parte de seu patrimônio histórico edificado, dano semelhante acontece quando uma *street art* é inexplicavelmente apagada de sua paisagem visual. Num momento em que a paisagem urbana dentro da contemporaneidade sofre com as perdas causadas pelo imediatismo e pela banalização das imagens, a arte cumpre importante papel ao contribuir para a criação de novas maneiras de se olhar espaços de urbe já diluídos pelo cotidiano. É importante que se compreenda que tal relação entre arte e rua não deva se estabelecer como específico e singular espaço de exposições, e sim, compreendê-la como um processo em que a arte irá constituir-se como parte da urbe, assim como suas edificações e urbanismo, criando-se, portanto, uma relação artístico, social e cultural.

Ao se produzir arte sobre uma paisagem camuflada pelo dia-a-dia o artista constrói novas maneiras de se observar. O olhar do transeunte é então despertado a partir do estranhamento de um olhar de estrangeiro sobre o



desconhecido. A arte de rua não cumpre apenas o mero papel de instituir características estéticas aos muros e fachadas da cidade, mas cumpre papel social ao ser produtora de novas maneiras de se encarar os espaços edificados da cidade, podendo contribuir para uma nova concepção de convivência com os espaços urbanos.

Ao criar arte incorporada aos espaços das cidades, grupos de artistas como os Gêmeos produzem também reflexos de uma sociedade, sendo portanto, criadores dentro da cidade de registros de nossa contemporaneidade. Tais obras ao fazerem parte de um inconsciente coletivo irão fazer parte também da memória coletiva de uma população que passará a compreendê-la como um registro de sua época.

---

<sup>1</sup> Peixoto, Nelson Brissac. 'O olhar estrangeiro', **O olhar**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1988, p. 365

<sup>2</sup> Peixoto Brissac, 'O olhar'..., p.363.

<sup>3</sup> Os personagens do universo *Tristrez*, criado pelos Gêmeos, mesclam um imaginário concebido através de sonho e de dura realidade.

<sup>4</sup> Maurice Halbwachs in Betina Adams, **Preservação Urbana**, gestão e resgate de uma história. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 17.

<sup>5</sup> Maurice Halbwachs in Betina Adams, *op. cit.*, p. 17.

## Referencias:

ADAMS, Betina. **Preservação urbana**: gestão e resgate de uma história. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 192p.:il.

AMARAL, Marcelo do. **O grafite de Os Gêmeos: entre a arte e a rua, o jornalismo**. Monografia (bacharel em comunicação social), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CIELLO, Rafael. Estranhos no ninho. **Folha**, São Paulo, 07 junho 2006. Grupo Folha.

FREITAS, Sicília Calado. **Os mosaicos de Bel Borba na cidade do Salvador**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal da Bahia, 2006.

GÊMEOS, Disponível em: < [http://www.lost.art.br/osgemeos\\_interview\\_01.htm](http://www.lost.art.br/osgemeos_interview_01.htm)>. Acesso em 09 maio 2009.)

MACHADO, João L. de Almeida. **Grafitismo educacional**: Aprendendo com técnicas que surgiram na Pré-História. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/coluna.asp?coluna=6>. Acesso em: 09 maio 2009.

NUNES, Lilian Do Amaral. **Mediações: Arte Pública, Cotidiano Urbano e Reconstrução Social**. In: XIII Encontro Nacional da ANPAP, 2004, Brasília - DF. Anais do XIII Encontro Nacional da ANPAP. Brasília - DF : Universidade de Brasília, 2004.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Marca d'água, 1998.

\_\_\_\_\_. "O olhar estrangeiro", **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SANTOS, Fábio Allon dos. **A Arquitetura como Agente Fílmico**. Vitruvius, 2004.

Currículo resumido dos autores:

Juscelino Humberto Cunha Machado Junior – Artista plástico, designer. Mestrando em Artes pela Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia e Professor da faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

Cristiane Alcântara – Designer. Mestre em Teoria e História da Arte pela UNB, Universidade de Brasília. Professora da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, UFU.